

**A condenação da homossexualidade pelo discurso
pentecostal e a negação da condenação em *Under the
Udala Trees* de Chinelo Okparanta: uma análise
dialógica**

**The condemnation of homosexuality by Pentecostal
discourse and the negation of the condemnation in
Chinelo Okparanta's *Under the Udala Trees*: a dialogical
analysis**

Pedro José Garcia de Menezes*
Orison Marden Bandeira de Melo Júnior**

RESUMO: A literatura africana de língua inglesa queer passou a ser conhecida nos últimos anos a partir da publicação de vários romances, como *Under the Udala Trees* de Chinelo Okparanta, nosso objeto de análise. Nele, a protagonista Ijeoma vivencia conflitos entre a sua orientação sexual e dogmas anti-homossexualidade pentecostais. Buscamos, portanto, compreender o papel do discurso autoritário anti-homossexualidade do pentecostalismo na construção da protagonista, estando pautados na teoria do romance de Bakhtin e nos estudos de autores africanos e africanistas que discutem a influência do fundamentalismo religioso na vida de pessoas LGBTQIAPN+ em África. Concluímos que a autora constrói uma personagem quem, mesmo oprimida pelo discurso autoritário pentecostal anti-homossexualidade, é capaz de questioná-lo e, assim, negá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: literatura africana; análise dialógica do romance; discurso pentecostal anti-homossexualidade; *Under the Udala Trees*.

ABSTRACT: Anglophone queer African literature has become known in recent years with the publication of several novels, such as Chinelo Okparanta's *Under the Udala Trees*, our object of analysis. In it, the main character Ijeoma experiences conflicts between her sexual orientation and anti-homosexuality Pentecostal dogmas. We thus seek to understand the role that the anti-homosexuality authoritative discourse of Pentecostalism plays in the construction of the protagonist, based on Bakhtin's theory of the novel and on Africans' and Africanists' studies on the influence of religious fundamentalism on the lives of LGBTQIAPN+ in Africa. We concluded that the author created a character who, even oppressed by anti-homosexuality authoritative discourse of Pentecostalism, is capable of questioning it and thus refusing it.

KEYWORDS: African literature; dialogical analysis of the novel; anti-homosexuality Pentecostal discourse; *Under the Udala Trees*.

* Aluno do curso de Letras – Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pesquisador de Iniciação Científica, bolsista do CNPq. E-mail: pedrogarccc@proton.me. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0923-6246>.

** Professor do curso de Letras – Inglês e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), bolsista de produtividade PQ2/CNPq. E-mail: orison.junior@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7592-449X>.

1 Introdução

Nos últimos anos, a literatura africana escrita em língua inglesa tem se tornado objeto de estudo de muitos/as pesquisadores/as no Brasil. Esse interesse tem sido estimulado pela crescente disponibilidade de obras de autores/as africanos/as renomados/as, traduzidas para o português e publicadas em nosso país. No entanto, ainda há uma lacuna em relação aos estudos voltados para a literatura africana com temática queer,¹ um segmento literário em expansão no continente africano, principalmente nos países de língua inglesa. Por meio de narrativas que trazem personagens com orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes, esse segmento tem proporcionado uma representação mais diversa das vivências LGBTQIAPN+² africanas. Nesse contexto, este trabalho tem como propósito contribuir para o preenchimento dessa lacuna ao examinar a criação estético-ideológica da protagonista do romance *Under the Udala Trees*, escrito pela autora nigeriana-estadunidense Chinelo Okparanta.

Publicada em 2015, a obra, ambientada na Nigéria, é desenvolvida a partir da narração em primeira pessoa de Ijeoma, uma narradora-protagonista que, posicionada no futuro, relata os principais momentos de sua vida, especialmente aqueles que envolvem suas vivências enquanto personagem lésbica em uma sociedade que criminaliza a homossexualidade e a desaprova sob vieses religiosos. Ao longo da narrativa, que acompanha 46 anos da vida da protagonista, a autora cria estratégias para que ela lide com o seu principal conflito, a saber, uma tensão existencial constante que decorre do embate entre sua homossexualidade e sua religião pentecostal.³ Embora nossa análise,

¹ O termo queer é utilizado neste artigo, sem itálico, como um “termo guarda-chuva para uma variedade de categorias dissidentes e não normativas de identificação sexual e de gênero, tais como lésbica, gay, bissexual e transgênero” (VAN KLINKEN, 2019, p. 7; nossa tradução). Texto original: “umbrella term for a variety of dissident or nonnormative categories of sexual and gender identification, such as lesbian, gay, bisexual and transgender”.

² Atualmente, no Brasil, utiliza-se o acrônimo LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binária), que busca envolver um número maior de variações de gênero e sexualidade, mas reconhece, com o uso do sinal de +, que há outras variações possíveis.

³ Referimo-nos especificamente ao Pentecostalismo, pois a narradora-protagonista, em suas memórias, declara que sua família frequentava a igreja pentecostal chamada Holy Sabbath Church of God [Igreja do Sábado Santo de Deus], onde ouviam os sermões bíblicos, cantavam e

fundamentada na teoria do romance de Bakhtin (2015), abarque a obra como um todo, concentramos a nossa atenção, sobretudo, na adolescência de Ijeoma, um momento narrativo em que a autora a faz ser profundamente afetada pelo discurso pentecostal anti-homossexualidade.

Desde sua publicação, o romance tem suscitado o interesse de diversos acadêmicos, que o têm examinado sob múltiplas perspectivas. Courtois (2018), por exemplo, direcionou sua análise para enquadrar o romance como um exemplar de literatura de formação africana queer, devido à maneira como tanto a protagonista quanto a narrativa são construídas pela autora. Além disso, uma outra linha de investigação tem se debruçado sobre as representações dos discursos na obra que condenam a homossexualidade, explorando, por exemplo, as tensões existentes entre as orientações sexuais das personagens e suas convicções religiosas (FRATEUR, 2019; OFEI; OPPONG-ADJEI, 2021). Investigações recentes, como as de Navas (2021) e Lockwood (2022), também têm analisado as interconexões entre o discurso pentecostal condenatório da homossexualidade e o contexto africano, com o propósito de aprofundar a compreensão das raízes históricas e culturais desse fenômeno. Em suma, o romance tem instigado pesquisas interdisciplinares que enriquecem a nossa compreensão das interseções entre subjetividade, sexualidade e religião em contextos africanos.

Apesar do crescente corpo de pesquisa que tem abordado *Under the Udala Trees* sob diversas lentes, é interessante notar que a obra ainda não foi explorada sob lentes dialógicas, isto é, a partir das perspectivas teóricas de Mikhail Bakhtin, teórico russo do século XX. Sua abordagem para a análise do romance se fundamenta na apreensão da natureza dialógica do discurso romanesco, no qual se evidencia a interação constante entre diferentes linguagens, vozes e, conseqüentemente, visões de mundo entrelaçadas no próprio tecido textual (BAKHTIN, 2015). A ausência até o momento dessa abordagem dialógica no escopo das pesquisas existentes não apenas revela uma lacuna na análise crítica da obra, mas também destaca uma oportunidade para a expansão da compreensão do romance.

oravam. Além disso, vários elementos dentro da narrativa corroboram a cosmovisão pentecostal.

Diante dessa perspectiva teórica, esta pesquisa se debruça sobre o romance a partir de conceitos bakhtinianos, tais como discurso autoritário e formação ideológica da personagem. Partindo da premissa de que o discurso anti-homossexualidade pentecostal, amplamente representado na obra, constitui-se como um discurso autoritário, isto é, um discurso que demanda “um reconhecimento incondicional” e reprime “um domínio livre e [...] um jogo com um contexto que o moldura” (BAKHTIN, 2015, p. 137), investigamos a maneira como a autora constrói o conflito entre a homossexualidade da protagonista e as imposições autoritárias da sua religião. Esse problema de pesquisa se ancora na própria narrativa: ao longo da obra, Ijeoma percebe gradualmente que a sua orientação sexual entra em choque com os valores impostos por sua crença religiosa.

O nosso objetivo é, portanto, analisar como é construída a formação ideológica da personagem ao longo do romance: alguém oprimida por esse discurso religioso dominante, porém, simultaneamente, capaz de subvertê-lo e transformá-lo. Analisaremos, a partir de duas categorias, a condenação à homossexualidade e a negação da condenação, como Okparanta (2015) constrói essa protagonista que, apesar de enfrentar pressões sociais e religiosas, encontra formas de resistência para enfrentar as normas impostas, buscando uma reconciliação entre sua orientação sexual e sua fé.

Para atingi-lo, esta pesquisa se estrutura, para além desta introdução, em mais quatro seções. Inicialmente, comentamos sobre a perspectiva bakhtiniana de personagem romanesca e discutimos, com mais detalhes, os conceitos discurso autoritário e formação ideológica da personagem, que são basilares para a nossa análise. Em seguida, fazemos uma breve contextualização do enredo do romance, conectando-o à trajetória de Ijeoma enquanto protagonista. Depois disso, trazemos uma análise de dois excertos da obra que materializam como a autora construiu a personagem de modo a ser afetada pela condenação da homossexualidade derivada dos dogmas pentecostais e de outros dois excertos que materializam como Okparanta a capacitou a negar tal condenação. Finalizamos o trabalho com as nossas considerações finais.

2 A perspectiva bakhtiniana da personagem romanesca

Bakhtin (2015, p. 21), em seu famoso ensaio “O discurso no romance”, discute temas centrais para a compreensão do romance a partir de uma estilística sociológica, que supera o divórcio entre “o ‘formalismo’ abstrato e o igualmente abstrato ‘ideologismo’ no estudo do discurso literário”. Segundo o autor russo, o romance precisa ser compreendido e estudado como um todo verbalizado e, como tal, como “um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal” (BAKHTIN, 2015, p. 27). Dessa forma, ao se utilizar da língua, vista não somente por sua qualidade sistêmica, mas como cosmovisão, como ideologicamente preenchida, o/a romancista não higieniza a língua e/ou as diversas linguagens sociais (heterodiscurso), depurando as palavras por ele/a escolhidas das intenções e dos tons alheios, e não destrói “aqueles horizontes socioideológicos (mundos e minimundos) que se escondem atrás das linguagens integrantes do heterodiscurso – ele os introduz em sua obra” (BAKHTIN, 2015, p. 76).

É por meio dessa estilística sociológica proposta pelo autor russo que o/a analista de um romance deve compreender que

A dialogicidade social interna do gênero romanesco requer que se revele o contexto social concreto do discurso que determina toda a sua estrutura estilística, a sua “forma” e o seu “conteúdo”, e ademais determina não por fora mas de dentro: porque o diálogo social soa no próprio discurso, em todos os seus elementos, sejam “conteudísticos”, sejam “formais”. (BAKHTIN, 2015, p. 77.)

Essa percepção de uma estilística que não se atém apenas à forma, mas que torna o conteúdo um elemento de sua estrutura é detalhada no ensaio intitulado “O problema do conteúdo, do material e forma na criação literária” escrito em 1924, cerca de dez anos antes de “O discurso no romance”. Nele, Bakhtin (2002) expande o conceito de forma para destacar que a forma deve ser compreendida em duas direções, ou seja, como forma composicional e como forma arquitetônica. Para o autor russo, a forma composicional é aquela realizada no material [a língua/linguagem], e “com a sua ajuda e, nesse sentido, é determinada não só pelo seu objetivo estético, mas também pela natureza do

material dado” (BAKHTIN, 2002, p. 57). A forma arquitetônica, por outro lado, é aquela utilizada para enformar um conteúdo e relacionar-se axiologicamente com ele. A forma composicional, portanto, está sujeita a uma avaliação técnica, que permite determinar se a tarefa arquitetônica da obra está adequadamente realizada. Diante dessa natureza bidirecional da forma, Bakhtin (2002, p. 25) esclarece que “a forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional”, o que o leva à conclusão de que somente em uma percepção não literária do romance a forma é ocultada para dar lugar ao conteúdo, visando apenas a discussões de cunho ético-prático.

Por a forma estar intrinsecamente ligada ao conteúdo, a estilística sociológica, a partir dessa perspectiva dialógica, nos direciona ao estudo de um romance não apenas a partir dos temas que são articulados na obra, mas a partir da materialização desse conteúdo por meio da forma, que se utiliza de determinado material (língua/linguagem). É por essa razão que, como discutimos no início desta seção, Bakhtin se propõe a superar a separação entre esses elementos, propondo, assim, uma visão arquitetônica do texto literário em que a materialidade da obra é penetrada pela vida (conteúdo), levando o/a analista a se debruçar sobre os discursos/enunciados dentro de uma obra literária, quer sejam do autor, em seu papel de criador, como elemento constitutivo da obra, do narrador ou das personagens, falantes no e do romance. Bakhtin (2016, p. 16-17) esclarece que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos⁴ (que a realizam) [e que] é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”. A partir desse entendimento, é necessário compreendermos a visão bakhtiniana de personagem e seu discurso, tendo em vista a sua importância para este trabalho que analisa, por meio da arquitetura de *Under the Udala Trees* (OKPARANTA, 2015), como se dá a construção da protagonista-narradora Ijeoma.

Para Bakhtin (2015, p. 124), a personagem – o/a falante no romance – é um ser “essencialmente social [...] e seu discurso é uma linguagem social”.

⁴ Para Bakhtin (2016), um enunciado concreto é uma unidade da comunicação discursiva, diferenciando-se da oração, que é apenas a unidade da língua. O romance é compreendido, portanto, como um enunciado concreto e, como tal, está disposto para uma “ativa compreensão responsiva” (BAKHTIN, 2016, p. 34).

Considerar a linguagem da personagem sob esse viés implica compreendê-la como uma linguagem que pertence a um grupo social, não sendo, portanto, um dialeto puramente individual. Dessa maneira, a palavra proferida por uma personagem não pertence exclusivamente a ela, pois, por ser social, configura-se como uma linguagem em potencial, que busca alcançar uma “certa significação social” (BAKHTIN, 2015, p. 124).

Sob essa ótica, a linguagem da personagem romanesca nunca está dissociada dos valores sociais e históricos de um determinado grupo social. Isso ocorre porque a linguagem utilizada no romance, que aspira a uma significação social, é sempre “um ponto de vista singular sobre o mundo” (BAKHTIN, 2015, p. 125). Nessa perspectiva, a palavra e a linguagem deixam de ser meros componentes estruturais da língua e se transformam em ideologemas, isto é, palavras e linguagens impregnadas de valores sócio-históricos. Conforme explica Faraco (2009), é válido ressaltar que, no pensamento bakhtiniano, a ideologia não carrega necessariamente um sentido negativo. Para o autor, Bakhtin equipara esse conceito à “axiologia”, denotando uma dimensão avaliativa inerente à linguagem, o que indica que o seu uso reflete um “posicionamento social valorativo” (FARACO, 2009, p. 47).

Nesse sentido, Bakhtin (2015) caracteriza a personagem como uma pessoa falante que utiliza uma linguagem impregnada de ideologia, sendo, dessa forma, um/a ideólogo/a, alguém que se expressa através de ideologemas. São esses ideologemas que fazem com que a palavra se torne “objeto de representação no romance” (BAKHTIN, 2015, p. 125), possibilitando à linguagem romanesca a materialização das posições axiológicas do grupo social ou cultural que a personagem representa. Dessa maneira, pode-se dizer que as personagens, ao falarem, revelam ideologemas que evidenciam crenças e valores enraizados no contexto social e histórico em que estão inseridas.

Volóchinov (2019), membro do chamado Círculo (de Bakhtin), também discute, em seus textos, o conceito de palavra e enunciado e a sua relação com o contexto em que é utilizada. Para ele,

O pertencimento de classe do falante organiza a estrutura estilística do enunciado não de modo externo ou por meio do tema da conversa. A ideologia de classe penetra de dentro (por meio da entonação, da

escolha e da disposição das palavras) qualquer construção verbal, ao expressar e realizar não só por meio de seu conteúdo, mas pela sua própria forma, a relação do falante com o mundo e as pessoas, bem como a relação com dada situação e dado auditório. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 308-309; grifos do autor.)

Vemos, portanto, que o pensamento do autor se coaduna com o pensamento de Bakhtin (2002; 2015) ao relacionar o conteúdo com a forma na estrutura estilística do enunciado. Todavia, Bakhtin (2015) ressalta que o estudo da palavra/enunciado/discurso não é a única abordagem para a análise dos posicionamentos axiológicos das personagens, uma vez que as suas ações também são sempre destacadas ideologicamente. Como explica Bakhtin (2015, p. 127), a personagem “vive e age em seu próprio universo ideológico”, o qual estrutura sua percepção do mundo e se manifesta por meio de suas palavras e de suas ações. Portanto, a partir desses dois elementos, considerados atos ideologicamente iluminados (BAKHTIN, 2015), torna-se possível identificar os posicionamentos axiológicos de uma personagem.

Vale ressaltar que o ato de posicionar ideologicamente, seja pela ação ou pela palavra, decorre de um processo complexo e dialógico de formação ideológica (BAKHTIN, 2015), que pode ser observado tanto no mundo da arte, na construção da consciência das personagens, quanto no mundo da vida, no desenvolvimento subjetivo dos indivíduos. Conforme explica Bakhtin (2015, p. 140), a formação ideológica pode ser descrita como “[...] essa tensa luta que em nós se desenvolve pelo domínio de diferentes pontos de vista, enfoques, tendências e avaliações verboideológicas”. De acordo com o teórico russo, esse processo é resultado do embate entre dois tipos de discurso: o discurso autoritário e o discurso interiormente persuasivo.

O primeiro deles, o discurso autoritário, impõe determinados valores, crenças e perspectivas sobre o mundo, frequentemente refletindo as estruturas dominantes de poder de uma sociedade. Tendo em vista a sua não-plasticidade, é caracterizado por sua natureza impositiva e hierárquica, que busca estabelecer uma visão única e dominante, suprimindo vozes discordantes e limitando a pluralidade de ideias. Geralmente transmitido por meio de instituições como, por exemplo, a família, a política e a religião, possui um caráter prescritivo e, em razão disso, institui normas que devem ser seguidas independentemente das

convicções pessoais dos indivíduos. Além disso, busca total submissão por parte do sujeito e não admite questionamentos ou divergências, buscando afirmar-se como verdade absoluta.

O segundo deles, o discurso interiormente persuasivo, atua de maneira mais sutil, pois, caracterizado por sua natureza plástica, pode ser moldado e modificado pelo contexto de outros discursos ao seu redor. Dessa forma, o diálogo entre esse tipo de discurso e outros discursos possibilita a coexistência de ideias e perspectivas diversas, o que enriquece a formação ideológica individual. Por desempenhar um papel fundamental na construção subjetiva e na dinâmica evolutiva das ideias, ele contribui para a formação de visões de mundo mais autônomas e capazes de subverter o aspecto impositivo dos discursos autoritários.

Na visão de Bakhtin (2015), a história da consciência ideológica individual das personagens é determinada pela luta e relações dialógicas entre esses dois tipos de discurso. Por essa razão, esse embate desempenha um papel crucial na formação ideológica das personagens. Através da interação entre o discurso autoritário, que busca impor valores e visões de mundo, e o discurso interiormente persuasivo, que se entrelaça ao nosso discurso, despertando um pensamento independente, as subjetividades e posicionamentos ideológicos das personagens são construídos. Essa tensão dialógica é essencial para o desenvolvimento da consciência individual das personagens, pois, por meio dessa constante interação e confronto entre perspectivas autoritárias e interiormente persuasivas, os/as autores/as-criadores/as, ou seja, aqueles/as que assumem uma posição axiológica e partem de um projeto estético no momento de sua criação, proporcionam profundidade e complexidade às suas personagens.

A partir desta síntese da discussão de Bakhtin em torno da personagem e suas falas (enunciados, discursos) e ações, podemos, então, proceder com uma breve contextualização de Ijeoma, a protagonista de *Under the Udala Trees*.

3 Entre a condenação e a negação da condenação: Ijeoma, a protagonista de *Under the Udala Trees*

Ijeoma, a narradora em primeira pessoa do romance, foi construída por Okparanta como uma personagem que, posicionada no futuro, relata retrospectivamente os principais momentos de sua vida, destacando, sobretudo, sua jornada de autodescoberta em relação à sua orientação sexual em um ambiente onde a homossexualidade tanto é criminalizada quanto condenada sob vieses religiosos. A sua história começa a ser narrada aos seus onze anos, em 1968, durante a Guerra de Biafra, um conflito armado que ocorreu entre 1967 e 1970, motivado por questões políticas, étnicas e econômicas entre o povo igbo e o governo central da Nigéria. Mais conhecida como a Guerra Civil Nigeriana,⁵ esse embate foi responsável por “tirar as vidas de mais de 1 milhão de africanos” (OLIVEIRA, 2014, p. 230).

Durante os anos do conflito representados na obra, Ijeoma, que morava na comunidade de Ojoto, localizada no estado nigeriano de Anambra, perde o seu pai, Uzo, em decorrência de um ataque aéreo. A sua mãe, Adaora, entra em um estado profundo de luto. Em meio à devastação da guerra, que obrigou Ijeoma a se esconder sucessivamente em bunkers durante investidas de ataques aéreos e lidar constantemente com uma crise de escassez alimentar, Adaora se percebe incapaz de cuidar da filha de maneira apropriada. Por isso, envia-a para a casa de uma família próxima – o lar de um professor de gramática e sua esposa, que moravam na comunidade de Nnewi e eram amigos do seu falecido esposo –, enquanto procura um lugar mais seguro para viver com a filha. A decisão materna acaba abalando Ijeoma profundamente, pois também se encontrava em luto pela morte do seu pai. Isso gera nela uma profunda sensação de abandono.

É nesse cenário que Ijeoma, ao ser enviada para Nnewi para trabalhar como empregada doméstica para a família do professor, conhece Amina, uma

⁵ Oliveira (2014, p. 230) explica que a Guerra de Biafra foi resultado de uma “forte fragmentação interna, em que as disputas políticas foram transfiguradas em disputas étnico-regionais”. Dois fatores explicam essa fragmentação: os anos de colonização britânica na Nigéria e as Constituições que foram promulgadas durante o processo de independência do país.

jovem órfã de origem hauçá, que também perdeu seus pais devido à guerra e, por isso, se encontra sem família e até mesmo sem moradia. Elas se conhecem em uma das idas da protagonista ao mercado para comprar itens domésticos, e Ijeoma termina por levá-la à casa do professor por não conseguir deixá-la sozinha. Apesar da pouca idade, as duas – ambas com idades por volta dos treze ou quatorze anos – desenvolvem um vínculo afetivo significativo. O relacionamento entre Ijeoma e Amina, desenvolvido especialmente na terceira parte do romance, é construído de modo a representar uma jornada de autodescoberta de suas sexualidades. Ocorre, porém, que elas são flagradas pelo professor em um momento de afeto e percebem, pela primeira vez, que o vínculo entre elas é considerado, sob lentes religiosas, “an abomination” [uma abominação] (OKPARANTA, 2015, p. 125).

Esse incidente leva o professor a convocar Adaora, a mãe de Ijeoma, e informá-la sobre o ocorrido. Ele força Ijeoma e Amina a revelarem o que fizeram e a falarem, em voz alta, sobre os *pecados* que cometeram juntas. A partir desse evento narrativo, Ijeoma retorna para a casa materna, agora localizada em Aba, e passa a ser confrontada com o peso opressivo do discurso religioso anti-homossexualidade, que permeia sua formação ideológica enquanto discurso autoritário.

Esse discurso, representado na obra através de um imaginário pentecostal, impacta fortemente a sua visão de mundo, tornando a aceitação da sua sexualidade um desafio tortuoso. Como explicam Kaunda e John (2020, p. 1-2; tradução nossa), “o pentecostalismo africano é cada vez mais considerado como uma das principais imaginações religioso-culturais que influenciam o discurso moral público sobre sexualidades em África”.⁶ Destacando-se como uma força cultural e religiosa de relevância crescente na configuração das discussões sociais sobre sexualidades no continente, o “afropentecostalismo” (KAUNDA; JOHN, 2020, p. 3) molda significativamente as narrativas e perspectivas morais em torno dos debates sobre diversidade sexual por meio do que Van Klinken (2016, p. 493; tradução nossa) considera um imaginário próprio, característico da cosmovisão afropentecostal:

⁶ “African Pentecostalism is increasingly regarded as one of the key religio-cultural imaginations influencing public moral discourse on sexualities in Africa”.

Essa teologia apresenta uma reencantação do mundo dentro de um esquema dualista de bem versus mal, Deus versus o Diabo, com fortes elementos escatológicos. Nesse esquema, questões relacionadas à homossexualidade são facilmente enquadradas em termos milenaristas como parte da ‘agenda do Diabo’ e como sinais do “fim dos tempos”, sendo abordadas e combatidas através de uma “guerra espiritual”.⁷

De fato, os aspectos expostos por Van Klinken (2016) são materializados na construção feita por Okparanta (2015) de como o discurso pentecostal anti-homossexualidade foi capaz de oprimir Ijeoma, como um discurso de autoridade que, segundo Bakhtin (2015), demanda reconhecimento e assimilação. Na seção seguinte, analisamos dois fragmentos da obra que materializam essa questão – o primeiro deles focado na percepção intrínseca ao imaginário pentecostal de que a homossexualidade pode ser expurgada por meio de purificações espirituais; e o segundo focado na crença de que orações fervorosas também são capazes de auxiliar na promoção de tal expurgo.

4 A representação da condenação da homossexualidade pelos dogmas pentecostais

Após a revelação do relacionamento entre Ijeoma e Amina, Adaora e o professor de gramática concordam que é crucial instruí-las sobre o caráter pecaminoso atribuído ao vínculo entre as duas, conforme preconizado pela doutrina pentecostal. A partir desse ponto da narrativa, o discurso autoritário da religião passa a exercer influência significativa na formação ideológica da protagonista. Isso fica evidente quando Ijeoma retorna à casa materna, agora em Aba, e é punida com um prolongado silêncio imposto por sua mãe, que perdura por aproximadamente uma semana. Ao término da penitência, Adaora comunica que elas passarão a ter sessões diárias de estudos bíblicos, focadas na purificação da alma da filha: “Now that you have had the week to settle in, we must make a *schedule* for you. There’s nothing more important now than for us

⁷ “This theology presents a re-enchantment of the world in a dualist scheme of good versus evil, and God versus the Devil with strong eschatological undertones. In such a scheme, issues of homosexuality are easily framed in millennialist terms as part of ‘the devil’s agenda’ and as signs of ‘the end times’, and are being addressed and fought against through ‘spiritual warfare’”.

to begin working on *cleansing your soul*” (OKPARANTA, 2015, p. 65; destaque nosso).⁸

É possível perceber que a autora, ao atribuir a Adaora um discurso de rejeição à homossexualidade de Ijeoma, faz com que ela refrate a posição axiológica que lhe é dada, isto é, a posição de uma mulher que, por ter internalizado o discurso autoritário da religião, condena relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Essa internalização se materializa no uso das palavras “*cleansing your soul*” [purificação da sua alma], que revela uma ênfase na crença de purificação espiritual – uma característica marcante do imaginário afro-pentecostal (KAUNDA; JOHN, 2020, p. 2). Evidencia, além disso, a abordagem do afropentecostalismo em relação às sexualidades dissidentes, enxergadas como impuras e influenciadas por espíritos demoníacos. O uso de “*cleansing*” [purificação] sugere que a alma de Ijeoma está contaminada em razão do vínculo desenvolvido entre ela e Amina, pois, para Adaora, o desejo homossexual é considerado sujo e precisa ser purificado por meio do contato com a palavra de Deus. Dessa maneira, a autora, em seu projeto estético-ideológico, faz Adaora acreditar que o desejo da filha poderá ser erradicado quando Ijeoma assimilar e internalizar dogmas religiosos anti-homossexualidade – dogmas esses que são frutos de uma interpretação tendenciosa de passagens bíblicas.

A partir da imposição por parte de Adaora de um “*schedule*” [cronograma] de lições bíblicas, as duas personagens embarcam em um compromisso diário de estudos, que se estende por aproximadamente seis meses e abrange várias passagens da Bíblia, como a criação de Adão e Eva e os eventos de Sodoma e Gomorra, usadas pela mãe de forma descontextualizada – não importava à mãe a época ou o lugar em que os textos bíblicos foram escritos – para impor (discurso autoritário) a sua homofobia, ao declarar que o vínculo de Ijeoma com Amina é impuro e pecaminoso. Em uma fase já avançada dos estudos, Adaora questiona Ijeoma sobre os seus sentimentos atuais em relação a Amina. Profundamente abalada pela circunstância que a cerca, a protagonista

⁸ Nossa tradução: “Agora que você já teve a semana para se instalar, precisamos fazer um cronograma para você. Não há nada mais importante agora do que começarmos a trabalhar na purificação da sua alma”.

opta pela sinceridade e revela que ainda nutre os mesmos sentimentos pela menina hauçá, o que provoca a revolta de sua mãe:

“Pray!”, she screamed. “You must ask God for the forgiveness of all your sins, but especially for that one particular sin in you. Did I not just tell you to pray? Why do I not see your lips moving? [...] No child of mine will carry those sick, sick desires. The mere existence of them is a terrible disrespect to God and to me!” (OKPARANTA, 2015, p. 86; destaque nosso.)⁹

No trecho acima, é possível identificar a frustração de Adaora ao perceber que a sua agenda pentecostal de assimilação de dogmas homofóbicos por Ijeoma não foi capaz de eliminar o desejo da filha por Amina. O imperativo “Pray!” [Ore!] revela uma imposição autoritária da mãe sobre a filha para que esta busque a redenção e o perdão divino por não ter sido capaz de se purificar espiritualmente em relação aos seus “sick, sick desires” [desejos doentios e doentios]. Além disso, o tom gritante e enérgico do enunciado enfatiza a urgência que Adaora atribui à necessidade de Ijeoma se arrepender pelo relacionamento com Amina, tido por ela como “sin” [pecado]. Como ressaltam Van Klinken e Chitando (2021, p. 163), a oração intensa e fervorosa é uma das práticas mais comuns associadas ao pentecostalismo – isso explica a crença equivocada da mãe de que orações fervorosas eliminarão a homossexualidade da filha. Também vale pontuar que o uso da expressão “especially for that one particular sin in you” [especialmente por esse pecado específico que há em você] funciona como uma maneira indireta de se referir à homossexualidade de Ijeoma sem mencioná-la explicitamente. Essa construção discursiva sugere que Adaora está ciente da sexualidade de Ijeoma e a condena, mas prefere não a nomear diretamente. Tal apagamento da palavra homossexualidade se conecta ao discurso de outro personagem, o professor de gramática, que, ao flagrar Ijeoma e Amina juntas, declarou que a homossexualidade, além de ser um “taboo” [tabu], é um “anathema” [anátema], isto é, algo intensamente desprezado e odiado – algo, também em suas palavras, “unmentionable”

⁹ Nossa tradução: “‘Ore!’, ela gritava. ‘Você deve pedir a Deus o perdão de todos os seus pecados, mas especialmente por esse pecado específico que há em você. Eu não acabei de lhe dizer para orar? Por que não vejo seus lábios se mexendo? [...] Nenhum/a filho/a meu/minha carregará esses desejos doentios e doentios. A mera existência deles é um terrível desrespeito a Deus e a mim!’”.

[imencionável], uma coisa que “not even deserving a name” [nem sequer merece um nome] (OKPARANTA, 2015, p. 125).

Também é relevante destacar a insistência de Adaora, materializada nos questionamentos “Did I not just tell you to pray? Why do I not see your lips moving?” [Eu não acabei de lhe dizer para rezar? Por que não vejo seus lábios se mexendo?], em moldar Ijeoma de acordo com o discurso autoritário homofóbico. O monitoramento atento dos movimentos labiais da filha torna a cena ainda mais opressiva e controladora. Além disso, a aversão de Adaora à homossexualidade se torna ainda mais evidente em seu enunciado de que “No child of mine will carry those sick, sick desires” [Nenhum/a filho/a meu/minha carregará esses desejos doentios e doentios]. Mesmo que Adaora só tenha Ijeoma como filha, a autora constrói o enunciado da personagem de modo a demonstrar que a sua posição axiológica de rejeição se estenderia a qualquer outro filho que tivesse. O uso da expressão “sick desires” [desejos doentios], como ideologema (BAKHTIN, 2015), revela o seu repúdio às sexualidades que divergem da heteronormatividade, o que demonstra completa falta de aceitação e compreensão do afeto nutrido entre Ijeoma e Amina. A palavra “sick” [doentio], como signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2019), refrata a posição axiológica de Adaora ao relacionar a homossexualidade com doença, com algo anormal e patológico, que precisa ser normalizado e curado.

A partir da análise dos excertos, pode-se depreender que a posição axiológica construída pela autora para Adaora no mundo da arte se enquadra no que Ukah (2018) chama de apocalipticismo pentecostal, um fenômeno do mundo da vida que compreende a pluralidade de discursos pentecostais na Nigéria que condenam relações entre pessoas do mesmo sexo, muitas vezes associando-as à influência de demônios. Esses discursos, geralmente fundamentados em interpretações tendenciosas de passagens bíblicas, também se apoiam frequentemente na noção de que toda relação sexual deve ter como propósito a reprodução (UKAH, 2018, p. 639). Como explica Togarasei (2020, p. 25), é comum que, no imaginário pentecostal, comportamentos tidos como pecados de natureza sexual sejam tratados como mais graves do que outros pecados, como, por exemplo, o furto e o roubo, o que explica a intensidade da rejeição de Adaora à homossexualidade da filha.

Além disso, é válido ressaltar que, pensando na Nigéria do ano de 1970, isto é, o momento em que as lições bíblicas entre mãe e filha começam, o discurso religioso representado por meio dos ideologemas de Adaora não é o único a desaprovar a homossexualidade no país. O discurso legal, herdado dos ingleses ao longo do processo de colonização, também desempenha um papel importante na condenação da homossexualidade – não só na Nigéria, mas na maior parte dos países colonizados pelos britânicos (HAN; O'MAHONEY, 2018, p. 3).¹⁰ A partir de 1860, o Império Britânico estabeleceu o *Indian Penal Code* [Código Penal da Índia] – IPC em suas colônias, a partir do qual, em sua seção 377, “relações carnavais contra a ordem da natureza” são criminalizadas. Em razão disso, é possível compreender que a posição ideológica de Adaora não refrata apenas os princípios da sua fé, mas também a desaprovação da sociedade nigeriana perante indivíduos homossexuais, tidos como párias e criminosos.

Como apontamos, a posição ideológica de Adaora encontra eco nos discursos do mundo da vida que predominavam na Nigéria da década de 1970. Essa postura materna impacta profundamente a formação ideológica de Ijeoma, levando-a a enfrentar conflitos internos entre sua subjetividade/sexualidade e o desejo de ser aceita por sua família e comunidade religiosa. No entanto, Ijeoma, no decorrer da narrativa, passa por um processo gradual de negação da condenação da homossexualidade pelos dogmas pentecostais. Essa trajetória será explorada na próxima seção.

5 A representação da negação da condenação da homossexualidade pelos dogmas pentecostais

Antes de passarmos para a análise de excertos da obra que materializam como a autora capacitou Ijeoma a negar os dogmas pentecostais condenatórios à homossexualidade transmitidos por sua mãe, cabe apontar que, para Bakhtin (2015, p. 135, destaque nosso), “(...) o processo de formação ideológica do homem é um processo de assimilação *seletiva* das palavras dos outros”. Essa seletividade refere-se ao ato de escolher, dentre as múltiplas vozes que

¹⁰ Segundo a página “Map of Countries that Criminalise LGBT People” (MAP, 2023), 29 países africanos criminalizam a homossexualidade de alguma forma.

permeiam o espaço social, quais serão acolhidas e internalizadas como parte da própria visão de mundo e posicionamento axiológico. Nessa dinâmica, o sujeito, imerso em um complexo tecido discursivo no qual diversas vozes, posicionamentos e perspectivas interagem e competem constantemente por sua atenção e adesão, seleciona os discursos que ressoam com suas crenças, experiências e valores, enquanto descarta ou minimiza aqueles que lhe parecem estranhos, conflitantes ou inadequados.

Ainda que Ijeoma, dada a sua pouca idade no momento dos eventos narrativos que envolvem as sessões de estudos bíblicos impostas por sua mãe, não demonstre total capacidade de recusar categoricamente a interpretação descontextualizada de passagens bíblicas usadas para condenar a homossexualidade, é possível identificar um processo gradativo em que a protagonista começa a questionar a validade e a coerência desse discurso autoritário. Essa postura questionadora é construída pela autora como uma forma de lançar dúvidas em relação a esses dogmas por meio de uma reflexão sobre o uso de alegorias nas passagens bíblicas. Isso pode ser visto no excerto abaixo, que evidencia os pensamentos da protagonista ao longo das lições bíblicas:

The Bible was beginning to feel *almost negligible*, as it was seeming to me more and more impossible to know *exactly what God could really have meant*. [...] I wondered about the Bible as a whole. Maybe the entire thing was *just a history of a certain culture, specific to that particular time and place*, which made it hard for us now to understand, and which maybe even made it *not applicable for us today*. (OKPARANTA, 2015, p. 82-83; destaque nosso.)¹¹

Neste excerto, a autora faz com que a protagonista exponha a sua crescente reflexão sobre as alegorias das passagens bíblicas – reflexão essa motivada pelo seu pai. Ao afirmar que a bíblia estava começando a parecer “almost negligible” [quase insignificante], a personagem passa a questionar as interpretações descontextualizadas da mãe, rejeitando, dessa forma, o discurso

¹¹ Nossa tradução: “A Bíblia estava começando a parecer quase insignificante, pois me parecia cada vez mais impossível saber exatamente o que Deus realmente queria dizer. [...] Eu me perguntava sobre a Bíblia como um todo. Talvez a coisa toda fosse apenas uma história de uma certa cultura, específica para aquele tempo e lugar, o que a tornava difícil para nós agora entendermos, e que talvez até a tornasse não aplicável para nós hoje”.

autoritário anti-homossexualidade pentecostal. Vale destacar que a autora inicia o conflito de Ijeoma com o divino mesmo antes desses estudos bíblicos, ao fazer com que ela tenha a percepção de que, apesar de suas orações, Deus não foi capaz de dar fim à guerra que acabou matando o seu pai (VAN KLINKEN; CHITANDO, 2021). Voltando à citação acima, percebemos que Ijeoma passava a acreditar ser cada vez mais impossível compreender “*exactly what God could really have meant*” [exatamente o que Deus realmente queria dizer], o que representa a sua posição de negação à condenação da homossexualidade, feita por Adaora, por meio da interpretação homofóbica de passagens bíblicas durante as lições religiosas.

Diante disso, Ijeoma manifesta uma reflexão profunda a respeito da Bíblia como um todo, ponderando se a obra pode ser simplesmente “*a history of a certain culture, specific to that particular time and place*” [uma história de uma certa cultura, específica para aquele tempo e lugar]. Essa perspectiva a leva a considerar a importância da contextualização histórico-cultural dos textos bíblicos. Em outras palavras, ela questiona se as passagens bíblicas, como enunciados, não devem ser analisadas a partir do seu contexto de produção e recepção (VOLÓCHINOV, 2019). Por meio desse enunciado concreto, a autora traz para o mundo da arte a hipótese de que é difícil compreender como os dogmas religiosos com base em interpretações descontextualizadas podem estar conectados à realidade presente, até mesmo porque, talvez, eles nem sequer mais sejam “*applicable*” [aplicáveis]. Dessa maneira, a protagonista questiona se a os textos bíblicos transcendem os limites do seu contexto original, podendo ser usados anacronicamente como discurso autoritário que determina padrões de existência.

Questionar sobre a utilização anacrônica de passagens bíblicas na contemporaneidade não é o único ato ideologicamente iluminado (BAKHTIN, 2015) que a autora fornece à construção estético-ideológica de Ijeoma. Após os seis meses de lições bíblicas transmitidas por sua mãe, Ijeoma e Amina iniciam o ensino médio na mesma escola, onde conseguem, apesar da instrução religiosa condenatória da homossexualidade que ambas receberam, reatar o relacionamento. Apesar de o vínculo não persistir por um longo período, devido à intensa internalização do discurso autoritário religioso por parte de Amina,

Ijeoma é habilmente representada pela autora como uma personagem que, mesmo imersa em uma batalha interna entre seus desejos e sua fé, sempre busca maneiras de negociar as possibilidades de coexistência entre esses dois extremos. Um exemplo disso ocorre quando Ijeoma – já com cerca de vinte anos e, em razão disso, mais consciente das imposições autoritárias do discurso religioso anti-homossexualidade – decide, ainda assim, ingressar em um novo relacionamento com outra personagem feminina, Ndidi, com quem redescobre o amor, o sexo e o afeto.

Posteriormente na narrativa, Ijeoma opta por se casar com Chibundu, com quem acaba tendo uma filha, devido ao fardo existencial de ser lésbica em um país que criminaliza a homossexualidade e à pressão social por um casamento que se adeque à heteronormatividade. No entanto, ela não deixa de nutrir sentimentos por Ndidi. São esses sentimentos que a fazem, no final da narrativa, desistir do casamento, retornar à casa materna e viver como mãe solteira, apesar do peso social que acompanha essa decisão. A autora faz Ijeoma tomar todas essas ações ideologicamente destacadas (BAKHTIN, 2015), negando a condenação da homossexualidade, feita pelos dogmas homofóbicos pentecostais, sem, no entanto, abandonar a sua espiritualidade ou religiosidade.

No trecho abaixo, presente no epílogo do romance, a autora faz Ijeoma abordar essa postura por meio de uma reflexão sobre Deus e os princípios bíblicos:

Maybe the rules of the Bible will always be in flux. [...] Yes, there are the ways of God that have already been made known to us, but maybe there are also those ways in the process of being made known. Maybe we have only to open our ears and hearts and minds to hear. (OKPARANTA, 2015, p. 322.)¹²

Nesse excerto, localizado já no final do romance, a autora reconfigura a narração de Ijeoma, fazendo-a não mais relatar os eventos do seu passado em retrospecto, mas se posicionar axiologicamente perante o seu presente – no caso do epílogo, o ano de 2014. Nele, a autora dá uma conclusão ao conflito complexo

¹² Nossa tradução: “Talvez as regras da Bíblia estejam em constante mudança. [...] Sim, existem os caminhos de Deus que já nos foram revelados, mas talvez também existam esses caminhos em processo de revelação. Talvez tenhamos apenas que abrir nossos ouvidos, corações e mentes para ouvir”.

estabelecido pela protagonista entre sua orientação sexual e os dogmas pentecostais. A expressão “in flux” [em constante mudança] sugere que as normas com base em textos bíblicos não são fixas, mas passíveis de diferentes interpretações ao longo do tempo. Ao fazer Ijeoma questionar a rigidez das regras religiosas, após toda a narração focada na reconstrução do seu passado, a autora faz com que a personagem busque espaço para reconciliar sua homossexualidade com sua religiosidade, expondo o anacronismo do dogma pentecostal que condena sua orientação sexual. No mundo da vida, essa visão encontra respaldo nas proposições de Togarasei (2020), que sustenta a importância do estabelecimento de abordagens inclusivas destinadas a indivíduos cujas orientações sexuais se desviam das normas tradicionalmente aceitas pela religião.

Em última análise, a autora constrói a protagonista como uma figura que anseia por um terreno comum entre sua orientação sexual e sua religiosidade. A busca de Ijeoma por uma hermenêutica bíblica menos tendenciosa, capaz de acomodar a coexistência da sua sexualidade e da sua fé, é refletida nas suas ponderações sobre os “ways of God” [caminhos de Deus]. Ao sinalizar tanto para os ensinamentos já conhecidos quanto para aqueles ainda em processo de revelação, ela propõe uma perspectiva religiosa em constante evolução, convidando à exploração de novas possibilidades de espiritualidade. A metáfora “to open our ears and hearts and minds to hear” [abrir ouvidos, corações e mentes para ouvir] ecoa o apelo à receptividade a novas perspectivas e interpretações bíblicas. Assim, a construção estético-ideológica de Ijeoma fornece à personagem uma voz que desafia os limites impostos pelo discurso autoritário pentecostal anti-homossexualidade e, ao fazê-lo, lembra-nos da importância, no mundo da vida, de espaços em que as diferentes religiosidades possam, de forma progressiva e inclusiva, abraçar a diversidade das experiências humanas.

6 Considerações Finais

Este trabalho teve o objetivo de analisar a formação ideológica de Ijeoma, a protagonista lésbica do romance, a partir de duas categorias: a condenação à

homossexualidade e a negação da condenação. Com base na análise realizada, torna-se essencial recordarmos a ênfase dada por Bakhtin (2015) na interconexão do discurso de uma personagem com o discurso de um grupo social específico. Como resultado disso, a expressão individual sempre busca uma significação social mais ampla. Dentro desse contexto, a protagonista de *Under the Udala Trees*, construção estético-ideológica da autora, adquire importância como uma figura cujas ideias e expressões transcendem sua esfera ficcional. A voz de Ijeoma, conectada às lutas coletivas de indivíduos com orientações sexuais dissidentes, coloca-a como uma representante de um grupo mais abrangente. Dessa forma, os posicionamentos axiológicos dados a elas pela autora lançam luz sobre sua representatividade como uma voz dos indivíduos africanos LGBTQIAPN+, que enfrentam o desafio de reconciliar suas orientações sexuais com suas religiosidades, especialmente aquelas que dogmatizam a homofobia. Isso se deve ao fato de que a autora construiu Ijeoma não apenas como uma receptora passiva de um discurso autoritário, mas como alguém capaz de questioná-lo e rejeitá-lo como tal. Assim, Ijeoma é criada como uma personagem capacitada a desafiar e transformar o discurso hegemônico, de modo a ressaltar a capacidade de indivíduos marginalizados responderem axiologicamente aos discursos dominantes que os oprimem, subvertendo-os.

Nesse sentido, cabe pensar sobre o projeto estético da autora que, junto à sua posição axiológica, entrelaça-se profundamente com o contexto histórico e político em que *Under the Udala Trees* foi publicado em 2015. Embora o romance represente majoritariamente a Nigéria do século XX, o momento da publicação carrega simbolismo, vindo após a promulgação do *Same Sex Marriage (Prohibition) Act*¹³ na Nigéria, no início de 2014. Essa legislação

¹³ “Oficialmente chamada de Same Sex Marriage (Prohibition) Act (Lei de Proibição do Casamento entre Pessoas do Mesmo Sexo), essa lei proíbe o casamento ou a união civil entre pessoas do mesmo sexo e proíbe as organizações religiosas de oficializar esse tipo de relacionamento. Além disso, a lei criminaliza o registro de clubes, sociedades e organizações gays, bem como a demonstração pública (direta e indireta) de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo. Um aspecto perturbador da lei, que para algumas pessoas parece ainda mais insidioso do que os aspectos evidentes da criminalização de supostos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, é que ela transforma todos em delatores, que devem informar sobre qualquer pessoa, seja membro da família ou não, que esteja envolvida em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo ou que os promova” (UKAH, 2016, p. 24; nossa tradução). Texto original: “Officially named the Same Sex Marriage (Prohibition) Act, this law prohibits marriage or civil union by persons of the same sex and prohibits religious organisations from solemnising

fortaleceu as atitudes sociais e legais contra indivíduos LGBTQIAPN+ no país, de modo a ampliar ainda mais o silenciamento de vozes marginalizadas.¹⁴ Ao mesmo tempo, o crescimento do Neopentecostalismo em toda a África, frequentemente ligado a narrativas políticas (UKAH, 2016), intensificou o debate público sobre a homossexualidade, enxergada como transgressão e pecado pelos dogmas pentecostais homofóbicos. Nesse contexto, a decisão de Okparanta (2015) em publicar o romance desafia esses discursos dominantes. Ao construir Ijeoma como uma protagonista que luta para estabelecer um diálogo entre sua religiosidade e sua sexualidade, a autora desenvolve uma personagem – e, conseqüentemente, uma narrativa – que não apenas dialoga com o momento sociopolítico, mas também o questiona, dando voz a perspectivas marginalizadas que desafiam os dogmas prevalentes.

Por meio da representação do processo de enfrentamento aos dogmas pentecostais anti-homossexualidade, a autora constrói estético-ideologicamente uma narrativa de resistência. Ao enfatizar a capacidade da protagonista de lançar dúvidas sobre o discurso religioso opressivo, a obra de Okparanta (2015) se torna um testemunho do poder da literatura africana queer em amplificar vozes de resistência. Dessa maneira, a representação do posicionamento ideológico de Ijeoma em relação ao discurso autoritário que a oprime destaca o potencial para indivíduos, mesmo sob a opressão de discursos hegemônicos, emergirem como agentes de transformação. Nesse sentido, a autora contribui para dar espaço aos discursos pertencentes às comunidades marginalizadas da Nigéria, oferecendo a elas visibilidade e a oportunidade de lançar um novo olhar às narrativas que tentam silenciá-las. Em um cenário frequentemente dominado por vozes autoritárias, a construção estético-ideológica de Ijeoma pela autora enfatiza a importância de ouvir vozes rebeldes e resilientes, que, com seus atos

such a relationship. Further, the law criminalises the registration of gay clubs, societies and organisations, as well as the (direct and indirect) public display of same-sex amorous relationships. A disturbing aspect of the law, which to some people seems even more insidious than the overt aspects of criminalising alleged same-sex relationships, is that it turns everyone into a snitch who must inform on anyone, whether family members or not, who is known to be involved in same-sex relationships or promotes the same”.

¹⁴ Ambani (2017, p. 16) identifica essa nova lei na Nigéria como parte de uma “second wave of criminalization of homosexuality” [segunda onda de criminalização da homossexualidade].

ideologicamente iluminados (BAKHTIN, 2015), iluminam as lutas e vitórias dos marginalizados.

Referências

AMBANI, J. O. A triple heritage of sexuality? Regulation of sexual orientation in Africa in historical perspective. In: NAMWASE, S.; JJUUKO, A. (ed.). *Protecting the human rights of sexual minorities in contemporary Africa*. Pretoria: Pretoria University Law Press, 2017. p.14-50.

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 5.ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002. p. 13-70.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 19-241.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-69.

BAKHTIN, M. As formas do tempo e do cronotopo no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 11-236.

COURTOIS, C. “Thou Shalt not Lie with Mankind as with Womankind: It Is Abomination!”: Lesbian (Body-)Bildung in Chinelo Okparanta’s *Under the Udala Trees* (2015). *Commonwealth Essays and Studies*, v. 40, n. 2, p. 119-133, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ces/302>. Acesso em: 06 jun. 2023.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRATEUR, A. “Adam and Eve, not Eve and Eve?”: Towards a Space for the Christian Legitimacy of Female Same-sex Love in Chinelo Okparanta’s *Under the Udala Trees*. 2019. 88 f. Dissertação (Master of Arts in African Studies) - Ghent University, Ghent, Belgium, 2019. Disponível em: https://www.scriptieprijjs.be/sites/default/files/thesis/2019-10/FRATEUR_Amber_MAdissertation_AMAFRS_2018_19.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

HAN, E.; O’MAHONEY, J. *British colonialism and the criminalization of homosexuality*. Nova York: Routledge, 2018.

KAUNDA, C. J.; JOHN, S. F. Introduction: African Pentecostalism, Genders, Sexualities and Spirituality. In: KAUNDA, C. J. (ed.). *Genders, Sexualities, and Spiritualities in African Pentecostalism: 'Your Body is a Temple of the Holy Spirit'*. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2020. p. 1-16.

LOCKWOOD, H. Away from the Udala Trees: Post-colonialism, Lesbianism, and Christianity within Chinelo Okparanta's *Under the Udala Trees*. *Global Tides*, v. 16, p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://digitalcommons.pepperdine.edu/globaltides/vol16/iss1/1>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MAP of Countries that Criminalise LGBT People. *Human Dignity Trust*, 2023. Disponível em: <https://www.humandignitytrust.org/lgbt-the-law/map-of-criminalisation/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NAVAS, A. S. Rewriting the Nigerian Nation and Reimagining the Lesbian Nigerian Woman in Chinelo Okparanta's *Under the Udala Trees* (2015). *Miscelânea: A Journal of English and American Studies*, v. 63, p. 111-128, 2021. Disponível em: <https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/misc/article/view/5875>. Acesso em: 20 ago. 2023.

OFEI, J. D.; OPPONG-ADJEI, D. Sexual Identities in Africa: a queer reading of Chinelo Okparanta's *Under the Udala Trees*. *Asemka: A Bilingual Literary Journal of University of Cape Coast*, n. 11, p. 64-78, 2021. Disponível em: <https://journal.ucc.edu.gh/index.php/aseмка/article/view/435>. Acesso em: 20 ago. 2023.

OKPARANTA, C. *Under the Udala Trees*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2015.

OLIVEIRA, G. Z. de. O Papel da Guerra de Biafra na Construção do Estado Nigeriano: da independência à segunda república (1960 – 1979). *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v. 3, n. 6, p. 228-253, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/3002>. Acesso em: 20 ago. 2023.

TOGARASEI, L. Problematizing the Use of the Bible in the Human Sexuality and Pentecostal Spirituality Debate. In: KAUNDA, C. J. (ed.). *Genders, Sexualities, and Spiritualities in African Pentecostalism: 'Your Body is a Temple of the Holy Spirit'*. Cham, Suíça: Springer International Publishing, 2020. Cap. 2. p. 19-35.

UKAH, A. Sexual bodies, sacred vessels: Pentecostal discourses on homosexuality in Nigeria. In: CHITANDO, E.; VAN KLINKEN, A. (ed.). *Christianity and Controversies over Homosexuality in Contemporary Africa*. Londres; Nova York: Routledge, 2016. p. 21-37.

UKAH, A. Pentecostal Apocalypticism: hate speech, contested citizenship, and religious discourses on same-sex relations in Nigeria. *Citizenship Studies*, v. 22, n. 6, p. 633-649, 2018. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13621025.2018.1494906>.
Acesso em: 20 ago. 2023.

VAN KLINKEN, A.; CHITANDO, E. Infinite Possibilities in a Nigerian Love Story: *Under the Udala Trees*. In: CHITANDO, E.; VAN KLINKEN, A. *Reimagining Christianity and Sexual Diversity in Africa*. Londres: Hurst & Company, 2021. p. 158-172.

VAN KLINKEN, A. Christianity and same-sex relationships in Africa. In: BONGMBA, E. (ed.). *The Routledge Companion to Christianity in Africa*. Londres; Nova York: Routledge, 2016. p. 487-501.

VAN KLINKEN, A. *Kenyan, Christian, Queer*: religion, LGBT activism, and arts of resistance in Africa. University Park: Pennsylvania State University Press, 2019.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização e tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 306-336.

[Artigo recebido em 21 de agosto de 2023 e aceito em 29 de novembro de 2023.]